

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE MEDICINA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA SAÚDE**

**RAFAELA BRANDÃO DA SILVA ALMEIDA**

**REPRESENTAÇÕES DE FORMANDOS DE ENFERMAGEM, MEDICINA E  
ODONTOLOGIA SOBRE SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES COM  
DEFICIÊNCIA**

**Maceió - AL**

**2015**

RAFAELA BRANDÃO DA SILVA ALMEIDA

REPRESENTAÇÕES DE FORMANDOS DE ENFERMAGEM, MEDICINA E  
ODONTOLOGIA SOBRE SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA

Trabalho Acadêmico de Mestrado  
apresentado ao Programa de Pós-  
Graduação em Ensino na Saúde da  
Faculdade de Medicina da Universidade  
Federal de Alagoas, para obtenção do  
grau de Mestra em Ensino na Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Lourdes  
Fonseca Vieira

Coorientador: Prof. Dr. Jorge Luís de  
Souza Riscado

Maceió - AL

2016

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- A447r Almeida, Rafaela Brandão da Silva.  
Representações de formandos de enfermagem, medicina e odontologia sobre sexualidade de adolescentes com deficiência / Rafaela Brandão da Silva Almeida, 2015.  
49 f. : il.
- Orientadora: Maria de Lourdes Fonseca Vieira.  
Coorientador: Jorge Luís de Souza Riscado.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde. Maceió, 2015.
- Inclui bibliografias.  
Apêndices: f. 44-47.  
Anexo: f. 48-49
1. Profissionais em ciências da saúde - Formação. 2. Sexualidade - Adolescente.  
3. Pessoas com deficiência. I. Título.

CDU: 371. 13: 612.6.057



Universidade Federal de Alagoas  
Faculdade de Medicina  
Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde

FAMED - UFAL - Campus A. C. Simões  
Av. Lourival Melo Mota, S/N  
Cidade Universitária - Maceió-AL  
CEP: 57072-970  
E-mail:mpesufal@gmail.com

Defesa do Trabalho Acadêmico de Mestrado da aluna **Rafaela Brandão da Silva Almeida**, intitulado: "Representações de Formandos de Enfermagem, Medicina e Odontologia sobre Sexualidade de Adolescentes com Deficiência", orientado pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. **Maria de Lourdes Fonseca Vieira**, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, da Universidade Federal de Alagoas, em 26 de agosto de 2015.

Os membros da Banca Examinadora consideraram a candidata APROVADA

Banca Examinadora:

maria de Lourdes Fonseca Vieira

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria de Lourdes Fonseca Vieira – UFAL

R. Vilela

Prof<sup>ª</sup>. Dra<sup>ª</sup>. Rosana Quintella Brandão Vilela – UFAL

Almira Alves dos Santos

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Almira Alves dos Santos – UNCISAL



## AGRADECIMENTOS

Um começo, um caminho e o início de sonhos que estão tomando forma da realidade almejada. Algumas pessoas foram fundamentais nessa caminhada agradeço:

A Deus por me conduzir em seu caminho, que ele sempre guie minhas mãos e mente;

A Painho e Mainha por se fazerem sempre presentes em minha vida;

Ao Guinho pela intensidade de sua presença e de seu incentivo;

À professora Lourdinha e ao professor Riscado pela credibilidade, ensinamentos, confiança e amizade;

Aos colegas de turma pela soma da amizade e compromisso;

À ESENFAR, FAMED e FOUFAL pela confiança e acolhimento com que me receberam;

Aos formandos que participaram da pesquisa pela disponibilidade e contribuição;

Aos funcionários do MPES pela agradável convivência;

Às professoras Divanise Suruagy (FAMED/UFAL), Rosana Quintela Brandão Vilela (FAMED/UFAL) e Stella Regina Taquette (FAMED/UERJ) pela leitura atenta e valiosas contribuições;

À Enfermeira e Sexóloga Maria Helena Brandão Vilela, do Instituto Kaplan de São Paulo, pela significativa contribuição na Roda de Conversa - Sexualidade da Pessoa com Deficiência na perspectiva da Saúde, durante o Congresso Acadêmico Integrado de Inovação e Tecnologia-CAITE-2015;

Aos Mestres por ajudarem a construir este momento;

Aos técnicos e diretoria do COSEMS pela compreensão e apoio nas ausências;

A todos os meus amigos, pela torcida.

O Amor e o carinho de Vocês foram estímulos essenciais para alcançar este momento especial!

Rafaela Bandão

## INCLUSÃO E AMOR

Nas diferenças, harmonia  
Na diversidade, equilíbrio  
Por que incluir?  
Por que conhecer?  
Vida digna para todos!  
Na simplicidade, gesto acolhedor  
Na linguagem, ação sem preconceitos  
Por que incluir?  
Por que conhecer?  
Vida digna para todos! Aceitar a diferença  
E dela desfrutar o amor  
Incluir é a nossa missão  
E aceitar é o nosso desafio!  
Vida digna para todos!  
Sempre com afeto, ética e emoção  
Autêntico compromisso entre pessoas  
Que num entrelaçar de mãos  
Fortalecem o encontro e a comunhão  
Vida digna para todos!  
Incluir para sentir  
A paixão e o coração  
Motivos da alma  
Grandeza da aproximação  
Vida digna para todos!  
Sensibilidade à flor da pele  
Basta escutar, enxergar, sentir  
Para isso é necessário olhar, tocar, ouvir  
Despir-se das amarras e incluir  
Incluir para equiparar  
Viver[...] Sonhar, Realizar!

Por: Vania de Castro e Ari Vieira

## RESUMO GERAL

O presente Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso - TACC, composto de um artigo científico e um produto de intervenção, discute a dificuldade dos futuros profissionais da saúde, na abordagem da temática sexualidade, apresentando aspectos relativos ao conhecimento e suas representações. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa com análise baseada nos sentidos atribuídos ao objeto, com o objetivo de conhecer as representações de formandos de enfermagem, medicina e odontologia quanto a sexualidade do adolescente com deficiência, realizada nas faculdades de enfermagem, medicina e odontologia de uma instituição pública. Participaram deste estudo, quinze formandos, sendo cinco de cada curso elencado, selecionados aleatoriamente dentre aqueles que cursavam o último período. A coleta de dados aconteceu entre dezembro de 2013 e junho de 2014, tendo como instrumento de coleta uma entrevista semiestruturada sob a perspectiva da interpretação dos sentidos, realizada pela própria pesquisadora. Após a análise dos dados emergiram três categorias: Dificuldade de abordagem/comunicação quando o assunto é sexualidade; Invisibilidade da sexualidade e Invisibilidade da sexualidade da pessoa com deficiência. Os resultados evidenciaram que os formandos ainda apresentam dificuldades em abordar o tema sexualidade, seja com pessoas deficientes ou não. Observou-se também que, conceitos e práticas conservadoras que envolvem o assunto, ainda se perpetuam, mesmo se tratando de indivíduos quase egressos das três áreas da saúde pesquisadas. As subjetividades e práticas observadas nas inter-relações pessoais se verificam refratárias na prática profissional. Tal fato apresentou-se potencializado, em se tratando da pessoa com deficiência. Essa é uma realidade que necessita de uma ruptura desses conceitos conservadores, minimizando possivelmente os efeitos do estigma em relação à população e a sexualidade. Evidenciou-se ainda, que o tema é de abordagem restrita ou ausente nos cursos estudados e que, quando presente, está relacionado apenas aos aspectos biológicos. Os resultados motivaram vários desdobramentos ou produtos: a realização de um Seminário num evento interinstitucional regional – Congresso Acadêmico Integrado de Inovação e Tecnologia – CAIITE 2015, constituído por uma apresentação oral da pesquisa realizada e uma roda de conversa sobre o tema, além da construção de um blog educacional <[www.sexualidadesomosiguais.com.br](http://www.sexualidadesomosiguais.com.br)>, a fim de instrumentalizar os graduandos para a abordagem do assunto em suas práticas profissionais de forma crítica e reflexiva, despertando e os motivando para a temática da sexualidade da pessoa com e sem deficiência.

**Palavras-Chave:** Adolescente. Pessoas com deficiência. Sexualidade. Educação superior. Ensino.

## GENERAL ABSTRACT

This article, consisting of a scientific paper and a product of intervention, discusses the difficulty of future health professionals in the thematic approach sexuality, presenting aspects of knowledge and its representations. It is a qualitative research with analysis based on the meanings attributed to the object held at nursing schools, medicine and dentistry of a public institution. The study, fifteen trainees, five of each part listed course, randomly selected among those who performed the last period. Data collection took place between December 2013 and June 2014, with the collection instrument A semi-structured interview from the perspective of interpretation of the senses, performed by the researcher. After the data analysis three categories emerged: Difficulty approach / communication when it comes to sexuality; Invisibility sexuality and Invisibility sexuality of the disabled person. The results showed that students still have difficulties in addressing the theme sexuality, are with people with disabilities or not. It was also noted that conservative concepts and practices surrounding the subject, still perpetuate, even when dealing with almost graduating individuals of the three areas of surveyed health. Subjectivities and practices observed in the personal interrelationships refractory occur in professional practice. This fact is introduced enhanced, in the case of people with disabilities. This is a reality that needs a break these conservative concepts, possibly minimizing the effects of stigma in relation to population and sexuality. It showed also that the subject is restricted or absent approach in the study courses and, when present, is only related to biological aspects. Several developments or products: the holding of a seminar in a regional inter-institutional event - Congresso Acadêmico Integrado de Inovação e Tecnologia - CAITE 2015 consists of an oral presentation of the survey and a round of conversation on the subject, besides the construction of an educational blog <[www.sexualidadesomosiguais.com.br](http://www.sexualidadesomosiguais.com.br)>, in order to equip the graduates to approach the subject in their professional practices of critical and reflective way, arousing and motivating them to the theme of sexuality of normal people and disabled.

**Keywords:** Adolescent. People with disabilities. Sexuality. Higher education. Teaching.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAIITE	Congresso Acadêmico Integrado de Inovação e Tecnologia
ESENFAR	Escola de Enfermagem e Farmácia
FAMED	Faculdade de Medicina
FOUFAL	Faculdade de Odontologia na Universidade Federal de Alagoas –
OPAS	Organização Pan-Anamericana da Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC's	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFAL	Universidade Federal de Federal de Alagoas

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 ARTIGO - REPRESENTAÇÕES DE FORMANDOS DE ENFERMAGEM, MEDICINA E ODONTOLOGIA SOBRE SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Introdução.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 Percorso metodológico.....</b>	<b>16</b>
<b>2.3 Resultados e discussão.....</b>	<b>18</b>
<b>2.4 Considerações finais.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>
<b>3 PRODUTO 1.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 Seminário: Sexualidade da Pessoa com Deficiência a perspectiva da saúde.....</b>	<b>28</b>
<b>3.2 Introdução.....</b>	<b>28</b>
<b>3.3 Objetivo.....</b>	<b>29</b>
<b>3.4 Justificativa.....</b>	<b>29</b>
<b>3.5 Público alvo.....</b>	<b>30</b>
<b>3.6 Metodologia.....</b>	<b>30</b>
<b>3.7 Resultados.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>
<b>4 PRODUTO 2.....</b>	<b>33</b>
<b>4.1 Blog Educacional – Sexualidade: somos iguais.....</b>	<b>33</b>
<b>4.2 Introdução.....</b>	<b>33</b>
<b>4.3 Objetivo.....</b>	<b>34</b>
<b>4.4 Justificativa.....</b>	<b>34</b>

<b>4.5 Público alvo.....</b>	<b>35</b>
<b>4.6 Metodologia.....</b>	<b>35</b>
<b>4.7 Resultados esperados.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO ACADÊMICO.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS GERAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>48</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

O tema sexualidade é complexo, e a discussão em nossa cultura ainda é um assunto difícil, cercado de estigmas e preconceitos. Quando a temática é voltada para o adolescente com deficiência, as dificuldades são potencializadas.

Pensar sobre essa temática como objeto de pesquisa, partiu de uma ânsia pessoal. A convivência com a prática de atividades inerentes ao cirurgião-dentista, mais precisamente ao odontopediatra, produziu meus primeiros questionamentos quanto à sexualidade do adolescente com deficiência.

Entre os anos de 2004 e 2008, fui aluna de graduação da Faculdade de Odontologia na Universidade Federal de Alagoas – FOUFAL; e, durante todo o curso, não identifiquei nenhum momento de reflexão ou informação sobre sexualidade seja da pessoa deficiente ou sem deficiência. Sim, a preocupação surgiu quando me deparei com este público alvo e ocorreram situações ligadas à sexualidade, as quais eu não estava preparada para enfrentá-las.

Quando egressa e na prática, observei que o tema, apesar de não ser específico da Odontologia, eu deveria estar preparada para lidar com ele.

Assim, o sentimento de despreparo para lidar com a sexualidade de adolescentes com deficiência estimulou-me a desenvolver este estudo no Mestrado Profissional em Ensino na Saúde.

Com a percepção de que não é apenas a pessoa que apresenta uma deficiência, mas também a sociedade, e que superar não é, unicamente, cuidar dos impedimentos, estimulou-me a pensar em propor mecanismos que minimizem as barreiras existentes para o pleno desenvolvimento desses indivíduos.

Ao longo dos tempos, mudanças na nomenclatura, para se referir aos indivíduos em questão, foram acontecendo de acordo com o entendimento da sociedade. O termo pessoa com deficiência foi o escolhido neste trabalho, por concordar que essa terminologia coloca a figura da pessoa antes da deficiência, ou seja, enfatiza a pessoa e não a doença ou agravo à saúde.

Destaco que esse estudo não se limita a nenhum tipo específico de deficiência, sendo assim, considero para a busca, os seguintes descritores: sexualidade, pessoas com deficiência, adolescente, educação superior e ensino.

Os medos e mistérios que envolvem a sexualidade do adolescente com deficiência, interferem nas vivências dos vínculos afetivo-sexuais (BRASIL, 2009;

FERREIRA, 2001) e contribui para o isolamento e, conseqüentemente, afastamento das relações sociais, fundamentais na construção do “eu” (AMARAL, 1994). Porém, quando bem conduzida, a sexualidade coopera para o bom desenvolvimento da afetividade e das relações interpessoais, o que contribui para uma melhor valorização de si mesmo e com a adaptação à sociedade (GEJER, 2001).

Uma boa assistência em saúde sexual perpassa por uma formação dos profissionais de saúde que contemple, além dos aspectos biológicos da sexualidade, os psicológicos e sociais, a fim de que fiquem aptos a tratar o tema de forma abrangente (MOURA; PEDRO, 2006; PEDROSA; SPINK, 2011; SHINDELL et al., 2010).

Apesar da magnitude da questão, ainda falta conscientização e informação científica sobre as questões relativas à sexualidade do adolescente com deficiência.

Na graduação de cursos da saúde, o tema ainda é estigmatizado. Na enfermagem, essa temática ainda é tratada de forma eventual e limitada aos aspectos biológicos e ao risco da prática sexual, apresentando ausência da dimensão do ser cuidador (EGRY; FONSECA; OLIVEIRA, 1990; GIR; NOGUEIRA; PELÁ, 2000; RESSEL, 2003; SEHNEM, 2013). Essa mesma realidade é observada nos cursos médicos que, mesmo diante da importância da sexualidade para o desenvolvimento psicossocial individual e coletivo, e dos diversos conceitos e contextos que podem surgir durante um atendimento, os currículos ainda contemplam o tema de forma restrita e com enfoque em seus aspectos biológicos (ALMEIDA et al., 2007; LIMA; CERQUEIRA, 2008; RUFINO, 2013; SALINAS-URBINA, 2013). Na odontologia, a literatura é escassa e que pode ser reflexo da restrita/ausente abordagem durante a graduação.

Para Shindell (2010), a formação inadequada quanto à sexualidade, o sentir-se confortável com o tema e as questões pessoais estão associadas à dificuldade em abordar os pacientes quanto à sexualidade e devem ser uma das prioridades a ser superada pela educação médica (SHINDELL, 2010).

Considerando que falar de sexualidade remete-se, geralmente, aos próprios conceitos — nem sempre bem desenvolvidos — e, entendendo que os alunos iniciam a sua vida acadêmica na universidade, ainda na fase de construção de sua sexualidade, potencializa-se a importância de que o tema seja tratado durante a graduação de forma contínua e ampliada (ABDO, 1989). Enquanto isso, Denari (1997) em seu estudo, demonstra preocupação com a necessidade de oferecer



educação sexual a familiares e profissionais que lidam com as pessoas com deficiência.

Dessa forma, essa pesquisa busca compreender a percepção dos formandos da área da saúde, de uma universidade pública do nordeste, quanto à sexualidade do adolescente com deficiência, tendo como pressupostos a inexistente ou insuficiente abordagem do tema sexualidade relacionada ao adolescente com deficiência na graduação dos cursos da área da saúde.

Para atender aos requisitos deste mestrado, este trabalho acadêmico está composto e estruturado por um artigo intitulado “Representações de formandos de enfermagem, medicina e odontologia sobre a sexualidade do adolescente com deficiência”, e dois produtos de intervenção. O primeiro trata de um Seminário intitulado “Sexualidade da Pessoa com Deficiência: a perspectiva da saúde” a Roda de Conversa realizada durante o Congresso Acadêmico Integrado de Inovação e Tecnologia da Universidade Federal de Alagoas – CAITE UFAL em junho de 2015 e um blog educacional intitulado “Sexualidade: somos iguais” ([www.sexualidadesomosiguais.com.br](http://www.sexualidadesomosiguais.com.br)) para socialização de informações.

Assim, esse estudo foi realizado nas faculdades de Enfermagem (ESENFAR), Medicina (FAMED) e Odontologia (FOUFAL) da Universidade Federal de Alagoas, com alunos cursando os últimos períodos da graduação, no período de dezembro de 2013 até julho de 2014, como a finalidade de identificar as representações desses formandos quanto à sexualidade do adolescente com deficiência.

Diante dos resultados encontrados e almejando ampla capilaridade da temática entre acadêmicos e profissionais da área da saúde, foi produto de intervenção deste trabalho acadêmico, um seminário intitulado “Percepção de formandos da área da saúde sobre a sexualidade do adolescente com deficiência”, composto por uma palestra e uma roda de conversa onde foi discutida e problematizada a questão da sexualidade da pessoa com deficiência.

Em busca da ampla divulgação, foi desenvolvido um blog educacional ([www.sexualidadesomosiguais.com.br](http://www.sexualidadesomosiguais.com.br)), a fim de utilizar a internet, unindo as novas formas de ensinar e de aprender, permitindo maior dinamismo no processo de construção do conhecimento.

Nas considerações finais, retomo as questões trazidas pelo trabalho, apresentando algumas reflexões que contribuem para o repensar das ações na busca pela superação da desigualdade e diversidade da sexualidade dos

adolescentes com deficiência, entendendo que a maior contribuição consiste em promover a responsabilidade e a consciência sobre o tema como expressão da condição humana e melhoria da atenção à saúde desse público alvo.

## 2 ARTIGO - REPRESENTAÇÕES DE FORMANDOS DE ENFERMAGEM, MEDICINA E ODONTOLOGIA SOBRE SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA.

### RESUMO

Este artigo apresenta as representações de formandos de área da saúde – Enfermagem, Medicina e Odontologia — de uma universidade pública quanto à sexualidade do adolescente com deficiência. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa que utiliza uma entrevista semiestruturada, sob a perspectiva da interpretação dos sentidos. Os resultados apontam para o reconhecimento da sexualidade como desencadeador de ansiedade para os sujeitos e para a invisibilidade da sexualidade humana quer esteja relacionada a pessoa com deficiência, quer não. Foi marcante a presença de um desconhecimento, pelos formandos, quanto à expressão da sexualidade das pessoas com deficiência. Assim, confirma-se o pressuposto que inexistente ou é insuficiente a abordagem desse tema durante a graduação dos cursos da área da saúde. Daí, a necessidade de se incluir nos currículos desses cursos, oportunidades de reflexões sobre a sexualidade dos seres humanos quer sejam deficientes, quer não.

**Descritores:** Adolescente. Pessoas com deficiência. Sexualidade. Educação superior. Ensino.

### ABSTRACT

This paper presents the representations of health graduates - Nursing, Medicine and Dentistry - a public university regarding adolescent sexuality with disabilities. It is a qualitative study using a semi-structured interview, from the perspective of interpretation of the senses. The results point to the recognition of sexuality as trigger anxiety for the subjects and the invisibility of human sexuality whether you are related to people with disabilities or not. It was remarkable the presence of a lack of knowledge, by the trainees, as the expression of sexuality of people with disabilities. Thus, it is confirmed the assumption that does not exist or is insufficient to approach this issue during the ranking of health care courses. Hence the need to include in the curricula of these courses, reflections opportunities on the sexuality of human beings whether disabled or not.

**Keywords:** Adolescent. People with disabilities. Sexuality. Higher education. Teaching.

### 2.1 Introdução

O pressuposto da integralidade em saúde prevê que, na assistência prestada, o usuário seja visto de forma integral pelo profissional e que o sistema de saúde possa responder às necessidades em todos os níveis de atenção. Nos modos de

cuidar encontra-se as representações dos profissionais de saúde que podem favorecer ou impedir avanços das ações de saúde.

A sexualidade envolve aspectos biológicos, socioculturais e psicológicos que não devem estar dissociados (WEREBE, 1998; WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH, 2008; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2010). Tais aspectos compõem a vida de todas as pessoas, independente do querer, estando ligados ao desenvolvimento global do indivíduo, constituindo um dos elementos de sua personalidade. É a maneira de ser, de compreender e viver o mundo e se expressar através da integração corpo/mente, por meio de gestos, discursos, atitudes, posturas, olhares, sendo elemento básico para a feminilidade ou masculinidade do indivíduo (COSTA e al., 2001; RESSEL, 2003).

No adolecer das pessoas com deficiência, o mundo da sexualidade é negado, as informações restritas, o contato social limitado e os modelos de relações afetivas, ausentes (SCHLIEMANN et al., 2005). Em função do desconhecimento, encontram-se, entre eles, dificuldades em se identificar como adolescentes e conviver com as novas sensações, inerentes a esse período da vida (ALVIN, 2002).

As pessoas com deficiência, em sua maioria, atingem a puberdade assim como os adolescentes, ditos de desenvolvimento normal. O que deve ser diferenciado é a forma como esse adolescente vai vivenciar essa fase, sendo necessário respeitar a deficiência e não reprimir a sexualidade (MOURA; PEDRO, 2006).

Os educadores entendem a sexualidade desses indivíduos como puramente genital, transitando entre exacerbado, selvagem e impulsivo, reproduzindo o pensamento disseminado na sociedade. Pais e educadores apresentam argumentos opostos, que tendem a buscar o controle da sexualidade e das relações, o que sugere que não é comum oferecer a esses jovens a oportunidade de discutir e esclarecer dúvidas quanto ao tema (GIAMI; D'ALLONES, 1984; SPROVIERI; ASSUMPÇÃO JÚNIOR, 1993; MAIA; ARANHA, 2005).

Assim, faz-se necessário que informações relacionadas aos aspectos de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial e sexual, tão necessárias à construção da identidade, alcancem amplas e adequadas proporções, a fim de evitar que os adolescentes com deficiência se tornem expostos a riscos, liberdades e responsabilidades, sem o devido preparo (BONONI et al., 2009).

A sexualidade faz parte da vida e não pode ser separada de seus outros aspectos, entendendo-se a necessidade de professores, alunos e profissionais da saúde, serem instrumentalizados, capacitados para discutir o tema e orientar as famílias de pessoas com deficiências (WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH, 2008).

Os profissionais da saúde, apesar de passarem uma imagem favorável à vivência da sexualidade, ainda não conseguem tratá-la de forma natural e limitam sua abordagem ao modelo genital, negando subsídios para a construção da identidade sexual (AMARAL, 1994).

A omissão de profissionais em abordar a temática, quando o público é composto de pessoas com deficiência, sugere o pouco acesso que eles tiveram às informações precisas quanto ao tema (ARAUJO, 2002).

Gomes (2003) evidencia, então, que os universitários devem ter currículos que possibilitem ao profissional em formação, as competências inerentes ao exercício de sua profissão e que incluam conhecimentos do domínio: cognitivo, psicomotor e habilidades afetivas. Para Bretas, Ohara e Querino (2008), uma vez que se compromete com a formação de profissionais com uma visão holística do indivíduo, a universidade não pode se omitir quanto à contextualização da sexualidade na graduação.

Considerando-se a melhoria no diagnóstico, no tratamento das pessoas com deficiência, tem-se observado aumento na sobrevivência e necessidade de melhor qualidade de vida desses adolescentes e adultos jovens com atenção diferenciada, levando-se em conta suas peculiaridades. Nesse sentido, este estudo contempla a análise sobre o que os futuros profissionais de saúde do Estado de Alagoas pensam a respeito da interface sexualidade e deficiência, visto que estas representações podem favorecer ou impedir os avanços das ações de saúde. Conhecer as representações dos futuros profissionais da saúde sobre a sexualidade do adolescente com deficiência constitui o objeto deste estudo.

## **2.2 Percurso metodológico**

Este é um estudo exploratório, transversal, de abordagem qualitativa, que permite ao pesquisador se aprofundar nos aspectos subjetivos das ações humanas.



Atendidas as exigências da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, incluindo informações quanto ao objetivo da pesquisa e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, a presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, pelo protocolo de número 447.25.

Foram utilizadas, como cenários para coleta dos dados, as faculdades de Medicina (FAMED), Enfermagem (EENFAR) e Odontologia (FOUFAL) da Universidade Federal de Alagoas, no período de dezembro de 2013 até julho de 2014.

Os participantes foram selecionados durante os estágios de conclusão dos cursos de graduação. Assim, como os grupos de formandos são organizados em, no mínimo, 5 alunos, foram selecionados 15 sujeitos de ambos os sexos; sendo 5 de cada curso elencado, obtidos por aceitação de convite para participar deste estudo.

No sentido de se preservar o anonimato dos sujeitos, decidiu-se adotar nomes fictícios, daí os nomes de deuses gregos. O plano de construção de dados se deu por meio de dois instrumentos: um questionário com informações de caracterização pessoal e uma entrevista semiestruturada, que permitiu, ao entrevistador, explorar amplamente a questão desejada, possibilitando, assim, a obtenção de informações a partir das falas.

As falas foram gravadas com o consentimento dos participantes, assegurando a privacidade, o anonimato e o sigilo absoluto sobre as declarações prestadas. Em seguida, foram transcritas na íntegra, respeitando a fidedignidade do vocabulário utilizado. Sobre esse material realizou-se leitura exaustiva para apropriação do conteúdo e identificação das categorias analíticas e empíricas que surgiriam.

Para interpretação do contexto, das razões e das lógicas da temática do estudo, foi utilizada a análise de interpretação dos sentidos (GOMES, 2005).

A análise das transcrições das falas permitiu identificar as seguintes categorias, que emergiram a partir das informações obtidas por meio das entrevistas individualizadas.

- ✓ C1: Dificuldade de comunicação quando o assunto é sexualidade;
- ✓ C2: Invisibilidade da sexualidade;
- ✓ C3: Invisibilidade da sexualidade da pessoa com deficiência.

## 2.3 Resultados e discussão

O importante papel da sexualidade na saúde geral dos indivíduos justifica o incentivo para o ensino do tema para profissionais de saúde. O estar disponível para conversas e abordagens de maneira direta e esclarecedora, sem a influência das opiniões e aspectos pessoais, é fundamental para aqueles que escolheram profissões da saúde. Para Abdo (1989), falar sobre sexualidade remete o indivíduo aos próprios conceitos que nem sempre foram bem desenvolvidos.

Como os alunos iniciam o curso superior ainda na fase de construção de sua sexualidade, potencializa-se a importância de que o tema seja tratado durante a graduação de forma continuada e ampliada.

Neste estudo 11 (onze) são do sexo feminino e 4 (quatro), do sexo masculino; todos solteiros. No que se refere à idade, verificou-se uma amplitude entre 22 a 29 anos.

A partir das falas dos sujeitos que participaram das entrevistas, foi possível três categorias temáticas, descritas a seguir.

### ✓ **Dificuldade de abordagem/comunicação quando o assunto é sexualidade**

Entendendo que a conduta de cada pessoa está relacionada com as suas possibilidades e interações individuais e coletivas, essa categoria engloba a preocupação e dificuldades apontadas pelos formandos, sobre o assunto.

Os participantes da pesquisa trouxeram depoimentos que revelaram a dificuldade em falar abertamente sobre o tema, sugerindo pouca propriedade com o assunto.

Eu não me sinto à vontade. Eu não sinto que houve uma preparação para trabalhar com sexualidade (Hemera).

Me sinto mais ou menos à vontade [...] (Hera)

Falar sobre sexualidade não é muito fácil, pois o tema, em nossa cultura, ainda está cercado de estereótipos e repressões que contribuem para um afastamento, (BRASIL, 2009 BASTOS; DESLANDES, 2005; FERREIRA, 1998) apontam que os preconceitos no campo da sexualidade ainda são intensos.

Sexualidade ainda é um tema proibitivo para os entrevistados, seja por normas familiares, valores; seja por preconceito que reflete na pouca fluência do assunto. Entretanto, a informação é uma ferramenta fundamental para que a sexualidade seja construída e aprendida. Assim, faz-se necessário que a informação circule proporcionando capacidade de reflexão e questionamento.

Os participantes pontuaram ainda que, quando o paciente é do sexo oposto, abordar a sexualidade é ainda mais difícil, pois o desconforto pessoal é potencializado. Ressaltando que tendem a abordar o assunto apenas quando questionados e a privilegiar somente as questões anatômicas e patológicas.

Eu posso esclarecer caso um paciente venha me perguntar. Não me sinto preparado para ir falar (Hebe).

Eu não sei como seria uma experiência de abordar o assunto com o sexo oposto, com um homem, seria ainda mais complicado, eu acho (Hemera).

Os profissionais da saúde, apesar de passarem uma imagem favorável à vivência da sexualidade, ainda não conseguem tratá-la de forma natural e limitam sua abordagem ao modelo genital, negando subsídios para a construção da identidade sexual (AMARAL, 1994).

A World Health Organization (2010), enfatiza que a sexualidade envolve mais que aspectos biológicos, envolvem os socioculturais e psicológicos que não devem estar dissociados.

O diálogo é uma estratégia facilitadora para o equilíbrio no processo de comunicação entre o profissional, o paciente e a família, sendo importante que ele esteja preparado para esse momento.

Reflexões precisam ser oportunizadas em discussões no ambiente acadêmico, preparando os formandos para embasarem o assunto em critérios científicos, e não em crenças e valores pessoais. É preciso preocupar-se com a forma como essa dimensão está sendo apreendida pelos alunos.

Ao refletir sobre a formação, os acadêmicos demonstraram interesse em conhecer melhor a sexualidade, durante os momentos teóricos e práticos da graduação.

Às vezes eu sinto dificuldade nas questões de termos que eu posso usar, como vão me interpretar. Uma formação mais ampla, ajudaria (Tessala).

A sexualidade não se restringe à vida privada, assim o desconforto e a vergonha com a temática precisam ser enfrentados e poderiam ser suprimidos com uma abordagem que, além dos conteúdos, fossem trabalhadas metodologias aplicáveis e condizentes.

Percebe-se entre os sujeitos da pesquisa a necessidade de se sentirem inseridos no contexto da sexualidade para que se sintam aptos a abordar a temática em sua prática clínica.

### ✓ Invisibilidade da sexualidade

Nessa categoria, observa-se que antes da invisibilidade da sexualidade do adolescente com deficiência, os sujeitos apresentam falas sobre a sexualidade que ficam dentro do discurso moral e do senso comum. O que remete à sexualidade é tido como desconhecido e produtor de ansiedade para a maioria dos formandos.

Evidencia-se, pelas falas dos sujeitos dessa pesquisa, que não há entre eles uma clareza do que seja sexualidade.

[...] Talvez as formas em que o sexo oposto pode se apresentar  
(Apolo)

É transformação do corpo, né?... Puberdade (Démeter)

A inexistência dessa clareza causa certo estranhamento uma vez que se trata de graduandos de cursos da área da saúde em fase de conclusão do curso. Evidenciando a necessidade da incorporação da temática no dia a dia da formação desses alunos, hoje observada em algumas situações pontuais.

Segundo Alencar, Ciosak e Bueno (2010), a abordagem da sexualidade, além de contribuir para o cuidado a ser prestado, colabora, também, para o desenvolvimento saudável desses indivíduos.

As falas denotam dificuldade e constrangimento em trabalhar a sexualidade. O medo de ser mal interpretado aparece como um inibidor para a abordagem da temática na prática clínica.

[...] é muito complicado você chegar para um paciente e começar a conversar com ele sobre sexualidade, porque muitas vezes, (risos)... eles podem achar que é invasão de privacidade, principalmente se for do outro sexo (Hebe).

Me sinto à vontade, mas já os pacientes têm receio, têm vergonha e tal. Existe um tabu da sociedade e nos da saúde também somos parte da sociedade [...] (Hera)

Pensando em formandos dos cursos da saúde, a invisibilidade parece contraditória, mas quando analisada no contexto diário de vida, é possível apontar que essa atitude é motivada pelo medo do desconhecido.

Geralmente, crenças descrevem ideias que são tomadas como reais a toda pessoa com deficiência (GUERPELLI, 1995). No cuidado prestado ao paciente, a ausência da sexualidade foi identificada nos relatos, relacionada a limitada oportunidade de conhecimento durante a formação acadêmica, as questões pessoais e culturais e, também, ligadas ao momento de descoberta da própria sexualidade.

Eu não me lembro de ter tido... a gente estuda doenças, estuda gravidez, mas a sexualidade, a gente não estuda (Afrodite)

[...] falar de droga, sexualidade e temas assim [...] (silêncio) é mais difícil, talvez por serem considerados polêmicos e também por envolver cultura e religiosidade (Gaia).

Parece marcante que o constrangimento que a ocasião pode proporcionar e a ideia de que esse assunto é responsabilidade da família limitem a viabilização de oportunidades para abordar o tema, ou mesmo a tendência a driblar o assunto quando abordado.

A sexualidade está presente na vida das pessoas e, apesar desnecessária para o indivíduo e de não mais ser vista apenas pela função da procriação, ainda apresenta uma visão convencional e enfrenta restrições, preconceitos e normas rígidas de gênero, consequência, da relação sociocultural que envolve a temática. Isso está impregnado; é algo que precisa ser trabalhado na formação.

Uma vez que se compromete com a formação de profissionais com uma visão holística do indivíduo, Bretas, Ohara e Querino (2008), colocam que a universidade não pode se omitir quanto a contextualização da sexualidade na graduação. Também World Association for Sexual Health (2008) justifica o estímulo da sexualidade na saúde integral do indivíduo para ser iniciado na graduação dos profissionais da saúde.

Observa-se que a temática ainda tem uma socialização restrita e que a participação da universidade ainda é rara. Na maioria das vezes, reflexo de



iniciativas individuais de alguns professores, não ultrapassando o fornecimento de informações teóricas sobre anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais.

Rufino, Madeiro e Girão (2013), encontraram em seus estudos uma visão centrada nos aspectos biológicos e patológicos, com um destaque para a construção social da sexualidade quase ausente. Relatando que o assunto não pode dispensar o trabalho interdisciplinar de uma equipe multiprofissional treinada para esse fim.

Assim, podemos perceber que as representações que os formandos da área da saúde detêm sobre a sexualidade, são direta ou indiretamente expressas por influências de abordagens biológicas e patológicas, associadas ao senso comum e repletas de medos e preconceitos. A possibilidade reflexiva é uma mudança de ação por parte das universidades que podem gerar nos formandos a possibilidade de se permitir pensar sobre a flexibilidade e empatia, quanto à sexualidade.

#### ✓ **Invisibilidade da sexualidade da pessoa com deficiência**

Nessa categoria, os formandos disseram que não acreditam na inexistência da sexualidade da pessoa com deficiência, porém negá-la ou ignorá-la, demonstra uma perspectiva de fuga, despreparo técnico e preconceito, produzindo a invisibilidade.

Eu acho que isso de não existir é errado. Pode ser que seja diferente [...] (Nix).

Existe sim (silêncio) porém a deficiência tem que levar em conta a própria deficiência dele neh? (Zeus).

Observou-se um desconhecimento quanto à expressão da sexualidade das pessoas com deficiência, apesar de, a maioria dos formandos, entender que ela existe. Este fato também observado por Amaral<sup>13</sup>, relata que os profissionais passam uma imagem de favoráveis a esta vivência, mas ainda não conseguem tratá-la de forma natural.

Não na questão de não ter, mas que, em alguns, é a partir da deficiência... eles criam uma barreira e, com certeza, não é uma coisa muito fácil (Tessala).

Eu acho que tem normalmente, como todo mundo. Tem vontades, tem desejo, tudo igual... acho que o que falam é porque isso é pouco trabalhado com eles, eu acho que as pessoas pensam que eles não têm (sexualidade) e aí não trabalham isso com eles [...] (Afrodite).

As falas dos formandos pesquisados mostram que eles acreditam na sexualidade do adolescente com deficiência, apesar da maioria imaginar que seja problemática ou patológica, e desde que não tenham que trabalhar com o tema. O que sugere uma dificuldade em se envolver com o assunto em suas práticas na graduação e, futuramente, profissionais.

Eu acho que pode ser um pouco diferente, em alguns casos a sexualidade é muito aguçada [...]. Mas não que não tenham (Hebe)

Ao explicar o que faltava para a aproximação com o tema, os alunos alegaram a falta de orientação para trabalhar com adolescentes deficientes de forma mais sistematizada.

Eu acho que tem que [...] (silêncio) e que essa opinião de que a pessoa com deficiência não tem sexualidade é justamente pelos profissionais, que fazem as pessoas não terem informações suficientes sobre isso. (Téia).

A invisibilidade da sexualidade das pessoas com deficiência gera situações prejudiciais à sua inserção social, portanto o despertar da sexualidade vem acompanhado da repressão pela sua construção imaginária como anormal e socialmente inadequada ou, angelical e despreziosa.

Sexualidade e deficiência parecem não se relacionar quando colocadas, lado a lado, entretanto se relacionam. Gherpelli (1995), aponta para a sexualidade para além de, simplesmente, um corpo desenvolvido ou em desenvolvimento, apto para procriar e apresentar desejos sexuais.

É de importância fundamental que, na abordagem da sexualidade, seja considerada a necessidade e a diversidade das pessoas com deficiência, contemplando, além dos aspectos biológicos e comportamento adaptativo, regras e limites, intimidade e diversidade, como apontado por Bastos e Deslandes<sup>21</sup>.

Para Moreira e Gusmão (2002), o silêncio e a repressão são formas negativas de tratar a sexualidade, destacando-se a importância de se desconstruir o imaginário quanto à sexualidade da pessoa com deficiência.

É fundamental perceber que a sexualidade vai além do sexo, envolve a afetividade e assim, cada ser tem o direito de viver sua sexualidade, da forma como lhe é possível. Como afirma Gherpelli (1995), é preciso esclarecer que a

sexualidade faz parte da vida de qualquer ser humano, seja uma pessoa com deficiência, seja não.

Vale pontuar que a falta de tempo que impede um aprofundamento, e o despreparo para lidar com a sexualidade dos pacientes com deficiência foram apontados como os pontos que mais contribuem para a invisibilidade do tema.

Eu até entendo que tem a questão tempo, mas se faz parte do trabalho da [...] como pode ser assim colocada tão de lado (Tessala).

Ao serem solicitados para sugestões de abordagem sobre sexualidade na graduação, os sujeitos pesquisados defenderam que este deveria ser um tema transversal entre as disciplinas, abordado dentro do próprio currículo da universidade e apoiado por projetos de extensão em todos os cursos da área da saúde.

As instituições de ensino superior precisam assumir seu papel na produção e disseminação de conhecimentos relevantes, a fim de proporcionar uma formação direcionada à realidade que os alunos vão encontrar na vida profissional.

## **2.4 Considerações finais**

Este estudo reforça achados importantes quanto à invisibilidade da sexualidade, quer seja de pessoa normal quer com deficiência. O desconforto com o tema e o despreparo para atuar na sua área foram relatos presentes, potencializados quando voltados para as pessoas com deficiência.

A sexualidade não pode ser separada da saúde e deve ser explorada para que possa ser compreendida. Entretanto, mesmo os profissionais da saúde de quem se esperava uma naturalidade na abordagem ao tema, apresentam dificuldade com o assunto. Assim a temática continua a ser uma barreira a ser superada.

É fundamental apoiar e refletir, sob a perspectiva da formação profissional, sobre essa temática, em instituições do ensino superior. Parece claro que o preconceito que envolve a questão dificulta a sua presença nas discussões e ações de saúde.

Seja por falta de preparação, seja por desconhecimento, é percebido que o ensino superior continua a ter dificuldades em abordar a temática da sexualidade. Entende-se que ações de sensibilização e formação devam ser uma das principais medidas para melhorar a qualidade da resposta na abordagem da sexualidade.

É premente a necessidade de sensibilização para os profissionais de saúde sobre a sexualidade desde sua formação, com novas abordagens, considerando os direitos humanos e a integralidade como princípios do cuidado das pessoas com deficiência.

O presente estudo se concentrou em um contexto específico. Assim é preciso considerar que a temática carece de mais pesquisas. Abre-se, desta forma, espaço para novos estudos e, melhoria da formação profissional, que resultarão em uma melhor atenção à saúde das pessoas em geral e das com deficiência.

### **Colaboradores**

RBS Almeida, MLF Vieira e RISCADO JLS foram igualmente responsáveis por todas as etapas de elaboração do artigo.

### **REFERÊNCIAS**

ABDO, C. H. N. **Aspectos da sexualidade de uma população universitária**. 1989. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

ALENCAR, R. et al. Training of academic nurses: the need to place in the curriculum of the subject of human sexuality. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Niterói, v. 9, n. 2, 2010.

ALVIN, P. et al. Les adolescents et la contraception: que devrait savoir le pédiatre? **Archives Pédiatrie**, Paris, v.9, n. 2, p.187-195, 2002.

AMARAL, L. A. Adolescência/deficiência: uma sexualidade adjetivada. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 75-79,1994.

ARAÚJO, A. Educação sexual para portadores de necessidades especiais. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CENTRO-OESTE, 5., 2002, Uberlândia. Resumos... Uberlândia, UFU, 2002. p. 147.

BASTOS, O. M.; DESLANDES, S. F. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 389-397, 2005.

BONONI, B. M. et al. Síndrome de Down na adolescência: limites e possibilidades. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 2, p. 51-56, 2009.

BRETAS, J. R. S.; OHARA, C. V. S.; QUERINO, I. D.. Orientação sobre sexualidade para estudantes de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 568-574, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais e reprodutivos na integralidade da atenção à saúde de pessoas com deficiência**. Brasília, DF, 2009. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

COSTA, M. C. O. et al. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivências e propostas de intervenção. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 77, supl. 2, p. S217-S224, 2001.

FERREIRA, J. R. A nova LDB e as necessidades educativas especiais. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, p. 7-15, 1998.

GIAMI, A.; D'ALLONES, C. R. **O anjo e a fera**: as representações da sexualidade dos deficientes mentais pelos pais e educadores. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 203 p.

GOMES, D. M. **Competências e habilidades do diretor**. Campo Grande: UCDB, 2003. p.31.

GOMES, R. et al. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G, SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2005. p. 185-221.

GUERPELLI, M. H. B. V. **Diferente, mas não desigual**: a sexualidade no deficiente mental. 2. ed. São Paulo: Gente, 1995.

MAIA, A. C. B.; ARANHA, M. S. F. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escola. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 103, 116, 2005. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/3290/0>>. Acesso em:

MOREIRA, L. M. A.; GUSMAO, F. A. F. Aspectos genéticos e sociais da sexualidade em pessoas com síndrome de Down. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 94-99, 2002.

MOURA, G. R.; PEDRO, E. N. R. Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, 2006.

RESSEL, L. B. **Vivenciando a sexualidade na assistência de enfermagem**: um estudo na perspectiva cultural. 2003.333 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Faculdade de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Faculdade de Enfermagem, São Paulo, 2003.



RUFINO, A. C.; MADEIRO, A. P.; GIRAO, M. J. B. C. O ensino da sexualidade nos cursos médicos: a percepção de estudantes do Piauí. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 178-185, 2013.

SCHLIEMANN, A. L. et al. Sexualidade - adolescência - deficiência mental: um desafio a pensar. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2, 2005, São Paulo. **Proceedings** online. 2005. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000082005000200074&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200074&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em:

SPROVIERI, M. H.; ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F. B. **Deficiência mental, família e sexualidade**. São Paulo: Memmon, 2005.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH (WAS). **Sexual Health for the millennium**: a declaration and technical document. 2008. Disponível em: <[http://www.europeansexology.com/files/WAS\\_2008.pdf](http://www.europeansexology.com/files/WAS_2008.pdf)>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Measuring sexual health**: conceptual and practical considerations and related indicators. Geneva, 2010. Disponível em: <[http://whqlibdoc.who.int/hq/2010/who\\_rhr\\_10.12\\_eng.pdf](http://whqlibdoc.who.int/hq/2010/who_rhr_10.12_eng.pdf)>.

### **3 PRODUTO 1**

#### **3.1 Seminário: Sexualidade da Pessoa com Deficiência a perspectiva da saúde.**

##### **✓ Identificação**

Sexualidade da pessoa com deficiência: a perspectiva da saúde.

#### **3.2 Introdução**

Sexualidade é um termo abrangente que, muitas vezes, se confunde com sexo. Para Costa (2001) e Ressel (2003) é uma necessidade básica que não pode ser separada de outros aspectos da vida.

A conduta sexual de pessoas com deficiência é variável, pois depende do nível do seu comprometimento, do apoio familiar e da estrutura social em que estão inseridas (VIEIRA, 2006).

Para os adolescentes com deficiência a vivência dessa sexualidade, muitas vezes, é negada e assim limita ou impede que estes tenham oportunidade de vivenciar experiências psicoemocionais.

Educar para a sexualidade não se restringe apenas à veiculação de informação, deve também contemplar diversas áreas de intervenção como: o eu, o outro e as relações estabelecidas (PEREIRA, 2013).

A formação dos profissionais de saúde ainda não está voltada para se falar abertamente da sexualidade, menos ainda quando relacionado à pessoa com deficiência. Geralmente a dificuldade apontada está relacionada tanto aos próprios preconceitos internalizados quanto ao despreparo teórico.

O desafio de trabalhar o tema com os pacientes, apontando para o reconhecimento da sexualidade como desencadeador de ansiedade, para os sujeitos e para a invisibilidade da sexualidade humana, quer esteja relacionada a pessoa com deficiência, quer não, demonstra a dificuldade de como abordar o tema e a falta de confiança nas informações a serem transmitidas.

As estratégias de ensino-aprendizagem se inserem como facilitadoras para desenvolvimento de competências dentro do contexto, do conteúdo e considerando os objetivos da aprendizagem (ANASTASIOU; ALVES, 2004).

Assim ao perceber que existe uma enorme lacuna e a fim de minimizar preconceitos e repressões para uma comunicação dinâmica, optamos pelo seminário como estratégia de ensino para sensibilização da área da saúde com objetivo de minimizar preconceitos.

Para Campos (2000) a roda de conversa é um método de ressonância coletiva que consiste na criação de espaços de diálogo, em que as pessoas se expressam, escutam os outros e a si mesmas, estratégia que estimula a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, da troca de informações e da reflexão para a ação.

Para Miranda e Barroso (2004) o seminário busca problematizar um determinado tema com retorno crítico e valorização do diálogo com liberdade de criar e recriar uma ideia.

Essas técnicas foram escolhidas por permitir a interação entre o que os participantes expressam, permitindo trabalhar de forma reflexiva as manifestações apresentadas no grupo.

### **3.3 Objetivo**

Temos por objetivo discutir e/ou problematizar a questão da sexualidade da pessoa deficiente que impacta no ensino e nas práticas de saúde.

Entende-se aqui o conceito ampliado de Saúde, apregoado pela Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS, em que Saúde perpassa pelo direito humano e pela saúde, ao acesso à saúde e à educação, condições de moradia, de trabalho, de lazer, das relações societárias, da ecologia humana.

### **3.4 Justificativa**

Essa proposta situa a conversa, como estratégia de aprendizagem, e faz parte do trabalho desenvolvido em busca de despertar e motivar para o aprofundamento teórico dos conteúdos.

A correspondência entre objetivo-conteúdo-método foi decisiva na escolha da roda de conversa como instrumento de partida, a fim de problematizar a temática da sexualidade da pessoa com deficiência na prática profissional, partindo da identificação da realidade, situando o referido gênero como adequado à situação de ensino apresentada.

### **3.5 Público alvo**

Profissionais e alunos dos cursos das áreas da saúde e educação das instituições de ensino superior de Alagoas e instituições especializadas na atenção à pessoa com deficiência de Alagoas.

### **3.6 Metodologia**

Como ponto de partida foi identificada e contextualizada a realidade, bem como o referencial teórico encontrado a fim de proporcionar discussões a partir das quais o conhecimento é construído.

O seminário “Sexualidade da pessoa com deficiência: a perspectiva da saúde” foi constituído por uma palestra intitulada “Percepção de formandos da área da saúde sobre a sexualidade do adolescente com deficiência” e uma roda de conversa em que foi discutido e problematizado a questão da sexualidade da pessoa com deficiência que impacta no ensino e nas práticas de saúde. Foi realizado em 19 de junho de 2015 durante o Congresso Acadêmico Integrado de Inovação e Tecnologia - CAIITE da UFAL com duração de 4 horas.

Como estratégia de divulgação, além da realizada pelo próprio evento, entregamos convites nas instituições com sede em Maceió que trabalham com a pessoa com deficiência como público alvo, estendendo o convite a profissionais e pais dessas instituições.

A palestra teve duração de 30 minutos e cada debatedor 20 minutos para expor suas ideias e colocar o assunto na roda. O tempo restante foi destinado à discussão, articulação e síntese do conhecimento dos temas e fora mediado pelo coordenador.

**Quadro 1 – Atividades do Evento**

<b>Horário</b>	<b>Atividade</b>	<b>Responsável</b>
09h15 – 09h30	Abertura do seminário “Sexualidade da pessoa com deficiência: a perspectiva da saúde”	Maria de Lourdes Fonseca Vieira
09h30 – 10h00	Palestra “ <b>A percepção de formandos da área da saúde sobre sexualidade do adolescente com deficiência</b> ”	Rafaela Brandão da Silva Almeida
10h00 – 10h15	Intervalo	
10h15 – 10h40	<b>Sexualidade da pessoa com deficiência: a perspectiva da saúde.</b>	Maria Helena Brandão Vilela (Instituto Kaplan-SP)
10h40 – 11h00	<b>Colóquio</b>	Maria de Lourdes Vieira e Jorge Luis de Souza Riscado
11h00- 12h00	<b>Roda de conversa</b>	

Fonte: Elaborado pela autora

**3.7 Resultados**

Esta estratégia contou com a participação de 33 pessoas dentre professores, acadêmicos da área da saúde e da educação, pais e pessoas com deficiência, sendo que 17 participaram da palestra e 16 da roda de conversar contribuindo para disseminar e sensibilizar, por meio de uma abordagem direta e com enquadramentos conceituais, profissionais, graduandos, pais e responsáveis quanto à necessidade de visualizar a sexualidade da pessoa com deficiência como inerente à vida, desmistificando os medos e facilitando a abordagem e condução da temática.

Em busca de disseminar a informação científica e de alcançar um número maior de pessoas foi resultado dessa oficina a construção de um Blog Educacional para abordagem e interação sobre a temática, que ainda é estigmatizada e de abordagem restrita.

## REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, L. G.; ALVES, L. P. **Processos de ensino na universidade:** pressupostos para estratégias de trabalho em aula. Joinville, Ed. Univille, 2004.
- CAMPOS, G. W. S. **Um método para análise e co-gestão de coletivos.** São Paulo: HUCITEC, 2000.
- COSTA, M. C. O. et al. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivências e propostas de intervenção. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 77, supl.2, p. S217-S224, 2001.
- MIRANDA, K. C .L.; BARROSO, M. G. T. A contribuição de Paulo Freire à prática e educação crítica em enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.12, n. 4, p. 631-635, 2004.
- PEREIRA, M. F. **A sexualidade na deficiência mental:** mitos e tabus. 2013. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2013. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4780/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado.pdf>. Acesso em 10/05/2015.
- RESSEL, L. B. **Vivenciando a sexualidade na assistência de enfermagem:** um estudo na perspectiva cultural. 2003. 333 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- VIEIRA, C. M. **Programa informativo sobre deficiência mental e inclusão:** efeitos nas atitudes e concepções de crianças não-deficientes. 2006.209 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

## **4 PRODUTO 2**

### **4.1 Blog Educacional – Sexualidade: somos iguais**

#### **✓ Identificação**

Blog Educacional - Sexualidade: Somos Iguais

### **4.2 Introdução**

Com o desenvolvimento acelerado das tecnologias no século XXI, especialmente com a convergência das mídias, desenvolveu-se formas inovadoras de armazenar, recuperar e disseminar informações.

A importância da informática no processo educativo está em permitir uma maior interatividade, criando ambientes que propiciem a construção do conhecimento, tornando-se uma forma atrativa de aprender (CARDOSO, 2008). Valente (1999) considera que os ambientes virtuais podem ser fontes de informações, ideias ou de problemas a serem resolvidos dentro do contexto educacional.

É importante que o ensino seja inovador e proporcione a experiência mais próxima da realidade. Nessa perspectiva, as tecnologias da informação e comunicação (TIC's) são ferramentas que podem ser usadas para veicular informação e possibilitar a comunicação em pequena e grande escala (DARODA, 2012).

Assim estão cada vez mais inseridas no contexto educacional em consonância com a necessidade da universidade em oferecer aos acadêmicos referenciais que os ajudem a perceber as várias dimensões do ensino, favorecendo a construção do conhecimento pelos alunos.

O desenvolvimento de novas competências e o conhecimento do aluno, como capacidade de enfrentar o novo, criatividade, autonomia e comunicação, são impactos atribuídos às TICs.

Para Daroda (2012) o perfil dos alunos mudou e atualmente, perpassa pela necessidade de informação, ações paralelas e múltiplas, preferem, gostam de trabalhar em rede, precisam de retornos instantâneos.

Masseto (2006) destaca que as tecnologias devem ser utilizadas para valorizar a aprendizagem, incentivar a formação permanente, a pesquisa de informação básica e novas informações, o debate, a discussão e o diálogo. Para Moraes e Torres (2004), as estratégias de ensino devem favorecer uma aprendizagem que integre vários sentidos: imaginação, intuição, colaboração e impactos emocionais.

Silva (2003) destaca a importância de considerar o aluno como um sujeito ativo que manipula o conteúdo a sua maneira, respeitando sua forma de aprender e seus interesses pessoais.

Quanto ao educador, espera-se que ele seja mais que um transmissor de informação ou provedor de respostas. A busca atual é um facilitador da interação e da aprendizagem (SACERDOTE, 2010), sendo o professor um mediador do conhecimento.

A informatização não substitui o professor, mas pode auxiliar no processo de tomada de decisão, contribuindo para habilidades profissionais em saúde, como também na construção do conhecimento.

### **4.3 Objetivo**

Dinamizar a relação de ensino aprendizagem sobre sexualidade usando a TIC como recurso educacional.

### **4.4 Justificativa**

A pesquisa desenvolvida apontou a necessidade de ampliação do debate sobre sexualidade da pessoa com deficiência a fim minimizar os preconceitos e favorecer avanços na abordagem das ações de saúde.

Entendo que a diferença entre site e blog reside em que o site tem um caráter mais “estático” que sofre poucas alterações e o blog é uma página interativa ordenada cronologicamente com atualizações periódicas, não necessariamente diárias. Optamos, em busca de uma interação para motivar reflexões e discussões sobre o tema, por um blog constantemente alimentado com conteúdo atualizado.



#### **4.5 Público alvo**

Profissionais e alunos de graduação de cursos da área da saúde e da educação.

#### **4.6 Metodologia**

O ponto de partida são os elementos vivenciados pelos alunos, dando significado à aprendizagem e contemplando a área da sexualidade na adolescência. Foi elaborado um blog educacional no qual e-mail, chat, fórum, áudio e material gráfico constam como as ferramentas de comunicação. Com o fórum, objetivamos que os visitantes possam deixar suas opiniões; o e-mail como ferramenta para auxiliar nas dúvidas; e, tanto o áudio quanto o material gráfico como informações educativas. Este desenho de material educacional contribui para uma dinâmica motivadora e participativa. A linguagem é de fácil assimilação do público alvo, criando uma atmosfera adequada de ensino-aprendizagem.

A aprendizagem é considerada uma atividade social, assim aprende-se por meio de muitos agentes. O blog, <[www.sexualidadesomosiguais.com.br](http://www.sexualidadesomosiguais.com.br)> busca uma interação pedagógica para motivar reflexões e discussões sobre o tema. Refletiremos sobre questões da prática diária dos profissionais da área da saúde como ferramenta de caráter colaborativo e espaço de acesso à informação especializada.

Como estratégia de divulgação utilizamos a fim de atingir alunos da área da saúde e pais de pessoas com deficiência, e profissionais da área optamos pela colagem de banners e distribuição de folder informativo, em faculdades, instituições especializadas na atenção as pessoas com deficiência e instituições de saúde.

A fim de atingir e sensibilizar os professores das instituições de ensino superior na área da saúde para a abordagem da temática, elaboramos para distribuição um kit com caderneta com divulgação do blog, maçã e lápis.

#### **4.7 Resultados esperados**

Espera-se que o blog “Sexualidade: somos iguais” atue de forma dinâmica no processo de construção de novos saberes, os quais combinados com outras mídias

e outros recursos didáticos se constituam uma opção adequada, despertando e motivando para a temática da sexualidade da pessoa com ou sem deficiência.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, J. P. et al. Construção de uma práxis educativa em informática na saúde para ensino de graduação. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 283-288, 2008.

DARODA, L. S. L. **Utilização das tecnologias da informação e comunicação pelos docentes de ensino superior da área da saúde**. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2006. p.133-173.

MORAES, M. C.; TORRE, S. L. **Senti pensar**: fundamentos e práticas para reencantar a educação. Petrópolis: Vozes, 2004.

SACERDOTE, H. C. S. Análise do Vídeo como Recurso Tecnológico Educacional. **REVELLI**, Inhumas, v.2, n.1, p. 28-37, mar. 2010.

SILVA, A. C. A. **Dimensões do sucesso e fracasso escolar**: estudo dirigido à infância. 2003. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 2003.

VALENTE, J. A. A escola que gera conhecimento. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Interdisciplinaridade e novas tecnologias**: formando professores. Campo Grande: Ed.UFMS, 1999. p. 75-119.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO ACADÊMICO

Com esse trabalho acadêmico acreditamos que os objetivos alcançados não são o fim, são apenas sementes lançadas para que novos caminhos sejam traçados.

Propusemos-nos a estudar as **“Representações de Formandos de Enfermagem, Medicina e Odontologia sobre Sexualidade de Adolescentes com Deficiência”** onde um dos maiores desafios foi abordar um tema ainda com muitas restrições, voltado para a pessoa com deficiência, ainda pouco compreendida.

Outro desafio para a realização dessa pesquisa foi encontrar os alunos que em estágios de conclusão de curso fazem suas práticas espalhados pelos vários espaços universitários.

Desafio esse que foi minimizado com a contribuição das faculdades e seus coordenadores que entendendo a importância da pesquisa disponibilizaram seus cursos como cenário de nossa prática e nos auxiliaram para encontrar os grupos de alunos.

Os resultados atentam para a realidade de que a abordagem da sexualidade da pessoa sem deficiência é tão restrita quanto da pessoa com deficiência, barreira essa a ser superada dentro da universidade. E faz refletir sobre a formação que é proporcionada aos alunos dos cursos da saúde quanto ao tema em questão.

Também ficou evidente que a sexualidade não se pode separada da saúde e assim deve ser explorada para que possa ser compreendida e desmistificada

A partir dos resultados propomos a última parte desse trabalho que foi a construção do produto de intervenção, para o qual optamos por duas estratégias: um seminário em espaço acadêmico a fim de proporcionar o despertar para a importância da abordagem da sexualidade no ensino superior onde nosso público alvo foram alunos, professores, profissionais e instituições que lidam com a pessoa com deficiência; e a utilização da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) com a estruturação de um blog educacional com objetivo de auxiliar no processo de ensino/aprendizagem que entendemos pode ser bastante proveitosa principalmente em se tratando da temática em questão.

Assim esse trabalho acadêmico aponta para a necessidade estruturações de estratégias a fim de contemplar a temática da sexualidade durante a graduação dos cursos da área da saúde.

## REFERÊNCIAS GERAIS

ABDO, C. H. N. **Aspectos da sexualidade de uma população universitária**. São Paulo; 1989. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989. Disponível em: <<https://uspdigital.usp.br/tycho/CurriculoLattesMostrar?codpub=37A0B2F4F4F3>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

ALENCAR, R. et al. Training of academic nurses: the need to place in the curriculum of the subject of human sexuality. **Online Brazilian Journal of Nursing**, Niterói, v. 9, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2010.2991>. Acesso em: 25 mar. 2015.

ALMEIDA, M. J. et al. Implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais na graduação em Medicina no Paraná. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p.156-165, 2007.

ALVIN, P. et al. Les adolescents et la contraception: que devrait savoir le pédiatre? **Archives Pédiatrie**, Paris, v. 9, n. 2, p.187-195, 2002.

AMARAL, L. A. Adolescência/deficiência: uma sexualidade adjetivada. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 75-79,1994.

ANASTASIOU, L. G.; ALVES, L. P. **Processos de ensino na universidade**: pressupostos para estratégias de trabalho em aula. Joinville, Ed. Univille, 2004.

ARAÚJO, A. Educação sexual para portadores de necessidades especiais. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CENTRO-OESTE, 5., 2002, Uberlândia. **Resumos...** Uberlândia, UFU, 2002. p. 147.

BASTOS, O. M.; DESLANDES, S. F. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 389-397, 2005.

BONONI, B. M. et al. Síndrome de Down na adolescência: limites e possibilidades. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 2, p. 51-56, 2009.

BRASIL. Leis. **Legislação brasileira sobre pessoas deficientes**. 7. ed. Brasília, DF, Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. 410 p. (Série legislação, n. 76). Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/responsabilidade-social/acessibilidade/legislacao-pdf/legislacao-brasileira-sobre-pessoas-portadoras-de-deficiencia> Acesso e: 17 set. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais e reprodutivos na integralidade da atenção à saúde de pessoas com deficiência**. Brasília, DF, 2009. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BRETAS, J. R. S.; OHARA, C. V. S.; QUERINO, I. D. Orientação sobre sexualidade para estudantes de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 568-574, 2008.

CAMPOS, G. W. S. **Um método para análise e co-gestão de coletivos**. São Paulo: HUCITEC, 2000.

CARDOSO, J. P. et al. Construção de uma práxis educativa em informática na saúde para ensino de graduação. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 283-288, 2008.

CONVENÇÃO sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiências: decreto legislativo n. 186, de 9 de julho de 2008: decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. 4. ed. rev. e atual. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2011. Inclui a íntegra da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, o Protocolo Facultativo e a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

COSTA, M. C. O. et al. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivências e propostas de intervenção. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 77, supl.2, p. S217-S224, 2001.

DARODA, L. S. L. **Utilização das tecnologias da informação e comunicação pelos docentes de ensino superior da área da saúde**. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

DENARI, F. E. **O adolescente especial e a sexualidade**: nem anjo, nem fera. 1997. 182 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 1997.

EGRY, E. Y.; FONSECA, R. M. G. S. de; OLIVEIRA, M. A.C. O estudante de enfermagem frente a questão da sexualidade humana, nos aspectos referentes à contracepção. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.11, n. 1, jan. 1990, p. 47-51.

FERREIRA, S. L. Sexualidade na deficiência mental: alguns aspectos para orientação de pais. **Temas sobre Desenvolvimento**, v. 10, n. 55, p. 35-39, 2001.

FERREIRA, J. R. A nova LDB e as necessidades educativas especiais. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, p. 7-15, 1998.

FREITAS, M. R.. **Concepção de profissionais sobre a importância de uma proposta de educação sexual para deficientes mentais**. 1996. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 1996.

GERJER, D. O adolescente deficiente mental e sua sexualidade. In: Françoso LA, Gejer D, Reato LFN. **Sexualidade e saúde reprodutiva na adolescência**. São Paulo, Ateneu, 2001.p. 267-275.

GIAMI, Alain. **O anjo e a fera: sexualidade, deficiência mental, instituição**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

GIR, E.; NOGUEIRA, M. S.; PELÁ, N. T., R.. Sexualidade humana na formação do enfermeiro. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, abr. 2000, p. 33-40.

GOMES, D. M. **Competências e habilidades do diretor**. Campo Grande: UCDB, 2003. p. 31.

GOMES, R. et al. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G, SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2005. p. 185-221.

LIMA, M. C. P.; CERQUEIRA, A. T. A. R.. Crenças sobre sexualidade entre estudantes de Medicina: uma comparação entre gêneros. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 49-55, 2008.

MAIA, A. C. B.; ARANHA, M. S. F. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escola. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 103, 116, 2005. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/3290/0>>. Acesso em: 14 set. 2015.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2006. p.133-173.

MIRANDA, K. C. L.; BARROSO, M. G. T. A contribuição de Paulo Freire à prática e educação crítica em enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.12, n. 4, p. 631-635, 2004.

MOREIRA, L. M. A.; GUSMAO, F. A. F. Aspectos genéticos e sociais da sexualidade em pessoas com síndrome de Down. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 94-99, 2002.

MOURA, G. R.; PEDRO, E. N. R. Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, 2006.

MORAES, M. C.; TORRE, S. L. **Sentipensar**: fundamentos e práticas para reencantar a educação. Petrópolis: Vozes, 2004.

PEDROSA, C. M.; SPINK, M. J. P. A violência contra mulher no cotidiano dos serviços de saúde: desafios para a formação médica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 1, jan./mar. 2011, p. 124-135.

PEREIRA, M. F. **A sexualidade na deficiência mental**: mitos e tabus. 2013. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2013. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4780/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado.pdf>. Acesso em: 10 maio 2015.

RESSEL, L. B. **Vivenciando a sexualidade na assistência de enfermagem**: um estudo na perspectiva cultural. 2003. 333 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, 2003.

RUFINO, A. C.; MADEIRO, A. P.; GIRAO, M. J. B. C.. O ensino da sexualidade nos cursos médicos: a percepção de estudantes do Piauí. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 178-185, 2013.

SALINAS-URBINA, A. A.; JARILLO SOTO, E. C. La confrontación de la sexualidade em la práctica profesional de los futuros médicos: la mirada de los pasantes de medicina. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 733-742, 2013.

SACERDOTE, H. C. S. Análise do vídeo como recurso tecnológico educacional. **REVELLI**, Inhumas, v.2, n.1, p. 28-37, 2010.

SCHLIEMANN, A. L. et al. Sexualidade - adolescência - deficiência mental: um desafio a pensar. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2, 2005, São Paulo. **Proceedings online**. 2005. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000082005000200074&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200074&lng=en&nrm=abn). Acesso em: 23 out. 2015.

SEHNEM, G. D. et al. A sexualidade na formação acadêmica do enfermeiro. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 90-96, 2013.

SHINDELL, A. W. et al. Medical student sexuality: how sexual experience and sexuality training impact U.S. and Canadian medical students' comfort in dealing with patients' sexuality. **Academic Medicine**: journal of the Association of American Medical Colleges, Philadelphia, v. 85, n. 8, p. 1321-1330, 2010.

SILVA, A. C. A. **Dimensões do sucesso e fracasso escolar**: estudo dirigido à infância. 2003. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 2003.

SPROVIERI, M. H.; ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F. B. **Deficiência mental, família e sexualidade**. São Paulo: Memmon, 2005.



VALENTE, J. A. A escola que gera conhecimento. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Interdisciplinaridade e novas tecnologias: formando professores**. Campo Grande: Ed.UFMS, 1999. p. 75-119.

VIEIRA, C. M. **Programa informativo sobre deficiência mental e inclusão: efeitos nas atitudes e concepções de crianças não-deficientes**. 2006.209 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

WORLD ASSOCIATION FOR SEXUAL HEALTH (WAS). **Sexual Health for the millennium: a declaration and technical document**. Rome, 2008. Disponível em: <[http://www.europeansexology.com/files/WAS\\_2008.pdf](http://www.europeansexology.com/files/WAS_2008.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Measuring sexual health: conceptual and practical considerations and related indicators**. Geneva, 2010. Disponível em: <[http://whqlibdoc.who.int/hq/2010/who\\_rhr\\_10.12\\_eng.pdf](http://whqlibdoc.who.int/hq/2010/who_rhr_10.12_eng.pdf)>. Acesso em: 16 ago. 2015.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A****Questionário de Caracterização dos participantes**

Nome (iniciais): \_\_\_\_\_

Idade:\_\_\_\_\_ Sexo:\_\_\_\_\_ Estado Civil:\_\_\_\_\_

Graduação: \_\_\_\_\_

Ano de conclusão:\_\_\_\_\_

Tem algum familiar com deficiência? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, quem? \_\_\_\_\_

Você já teve alguma experiência educacional com enfoque na pessoa com deficiência ?

( ) Sim ( ) Não

Se sim, qual? \_\_\_\_\_

Você já teve alguma experiência educacional com enfoque na sexualidade humana?

( ) Sim ( ) Não

Se sim, qual? \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE B**

### **Plano de construção de dados**

- 1 O que é adolescência para você?
- 2 O que é sexualidade para você?
- 3 Dizem que a sexualidade do adolescente considerado normal/comum é diferente da sexualidade do adolescente com deficiência. O que você pensa sobre isso?
- 4 Para você, como os pais enxergam a sexualidade de seu filho com deficiência?
- 5 O que você entende por interdisciplinaridade?
- 6 O que você entende por atenção multiprofissional?
- 7 Qual a sua opinião quanto à atuação interdisciplinar/multiprofissional nas ações integrais de saúde do adolescente com deficiência?

## APÊNDICE C

### Blog Educacional



**ANEXO**

## ANEXO A

### Submissão do artigo a Revista Ciência & Saúde Coletiva

